

DOS LIVROS AOS REMÉDIOS, DOS REMÉDIOS AOS LIVROS.

Aline da Silva Medeiros*

O Lunário Perpétuo de Jerônimo Cortez é, sobretudo, um livro sobre o tempo. Propõe, a partir de duas grandes forças – a astrologia e a religião católica –, leituras sobre o tempo, maneiras de conferir-lhe significado, marcar nele um sentido.

Em linhas gerais, para a astrologia lunariana, as rotas dos astros pelos sete céus, suas passagens pelas casas zodiacais, suas relações espaciais entre si e, principalmente, com a Terra produzem emanções sobre o mundo dos homens. No livro perpétuo, ademais, os comportamentos dos planetas são constantemente postos em relação com a narrativa religiosa/sagrada da Igreja Católica, seja dotando-lhe uma base astrológica, seja sugerindo que as emanções astrais são resultado da vontade divina – a este respeito, observa-se a repetição exaustiva nas páginas dos Lunários, logo na sequência das explicações sobre os planetas, de advertências, tais como: “Note e advirta o leitor, que ainda que a Lua denote e influa uma cousa, não se segue que essa cousa se realice, pois Deus, nosso Senhor, pôde ordenar outra mui diferente, como tem sucedido, e ha-de succeder a cada instante até o fim do mundo” (CORTEZ, 1927, p. 215-216).

Com relação à base astrológica conferida à narrativa sagrada, muito esclarecedora é a passagem que inicia a obra:

Pelo mundo se entende todo o universo, no qual se contém os céos, estrellas, elementos, com as mais cousas creadas. Os Gregos chamaram a esta universal machina *Cosmos*, e os latinos *Mundus*, que quer dizer ornamento e adorno, pela formosura e perfeição, que em si contém; o qual foi creado (conforme graves auctores) no outono, que é pelo mez de setembro, fundando-se em que as nações antiquissimas começavam a contar o anno desde setembro, como foram os Egypcios, Persas, Gregos, e todos os Orientaes, e porque nossos primeiros paes logo que foram creados comeram do fructo prohibido; e o tempo natural e perfeito das fructas maduras é no equinoxio outonal.

Porém o mais certo, e conforme a razão, é que o mundo teve principio no equinoxiovernal, que é no mez de março, entrando o Sol no primeiro grau de Áries, que agora succede a 21 do dito mez; e convinha que fosse creado o mundo no dito tempo, por ser mais temperado, mais apto para a geração, e augmento de cousas, do que o outono: no qual tempo antes se diminuem as cousas, do que se augmentam, por lhe estar tão vizinho o inverno.

Outra razão ha muito mais effizaz para provar que o mundo teve principio e foi creado no equinoxio vernal, e é que Christo, nosso Redemptor, quiz morrer na primavera, e em sexta-feira, e quiz que o puzessem na cruz á hora de sexta; no qual tempo, dia e hora nossos primeiros paes quebraram o preceito de Deus: com o que fica concluido que o mundo teve principio no equinoxio vernal, e não no outonal;

* Mestre em História Social, PUC-SP. Doutoranda em História Social, UFC. E-mail: linemedeiros@gmail.com.

pois Christo não quiz morrer no outono, senão na primavera, no decimo-quinze dia da Lua de março em sexta-feira, que foi antes de abril, aos trinta e tres annos de sua idade não cumpridos. (CORTEZ, 1927, p. 9-10)

O começo do mundo é bíblico, remonta ao Gênesis. Diz respeito à narrativa da criação e da presença, por vontade de Deus, do homem na Terra. A partir dos principais acontecimentos desta narrativa – o pecado da maçã, a Paixão e morte de Cristo... –, não apenas se realiza a contagem do tempo (sendo a morte do Filho de Deus feito homem o marco fundamental, até hoje, aliás, para nosso calendário) e se definem as celebrações religiosas que a cada ano atualizam a fé no Deus católico. Para o Lunário, igualmente importante é identificar ou associar estes acontecimentos bíblicos, a cuja cronologia os homens pertencem, a presenças e ausências de elementos que dizem respeito às estações do ano, aos períodos de amadurecimento dos frutos, aos tempos de crescerem e minguaem as coisas na terra, às rotas dos astros pelas casas zodiacais etc.

No texto que inicia o livro, como também nos demais textos que o compõem, marcos astrológicos e religiosos referenciam uma série numerosa de durações. As estações do ano, a quaresma, os meses solares – intervalos em que o Sol transita por uma casa ou signo do zodíaco –, as vedações, as crescentes e os minguentes da Lua, o advento, os dias caniculares expressam durações, algumas astrológicas, e outras religiosas que se adéquam ou entram em tensão umas com as outras, se sobrepõem ou se infiltram mutuamente, e, sobretudo, conferem sentidos ao tempo.

Convém lembrar desde já que o livro perpétuo alimentou e foi alimentado por um universo predominantemente rural. Seu sucesso se deu em conformações sociais pré-industriais, nas quais os homens, tanto os d'além-mar quanto os do Novo Mundo, elaboravam as existências a partir do trato direto com a terra, com as plantas e com os bichos. Desse modo, astrológicas e religiosas, as durações lunarianas diziam respeito, predominantemente, ao desenrolar de fenômenos climáticos, às oscilações dos terrenos, ao desabrochar das plantas, ao comportamento dos animais, os períodos de doenças e de saúde, enfim, a tudo que pudesse incidir sobre a emergência das carestias e das farturas, orientando os trabalhos e os dias dos homens.

Ao longo de suas páginas, os Lunários realizam um inventário de durações que, longe de se apresentarem listadas em sequência algébrica, se conectam em redes intrincadas. A cada edição, inclusive, podem ser realocadas, eliminadas pela força do desuso, incluídas por retomarem pertinência, desorganizando e reorganizando o livro. Essa imagem das durações em incessante movimento, travando diferentes relações entre si e com o conjunto da

obra sugere que tais durações são resultado de operações absolutamente trabalhosas, só há muito custo estabilizadas, provisoriamente apaziguadas.

Ao conjunto das durações que conhecem alguma repetição periódica, a exemplo das estações, dos dias caniculares e outras, o livro dos tempos agrega os chamados prognósticos e/ou juízos. Os prognósticos são igualmente operações que produzem durações que ora confirmam as durações estabelecidas, informando de maneira mais detalhada suas características ou pequenos desvios, ora as desmentem, indicando outra conformação temporal. Constituem, assim, mais um indício da instabilidade dos tempos e das durações.

Diversos modos de prognosticar os tempos pelas dinâmicas que envolvem os astros e também por indicações do calendário religioso estão dispersos pelos Lunários. A escuta dos primeiros trovões do ano em dado mês, o dia da semana pelo qual se inicia o ano (sendo que a cada dia corresponde um planeta e suas características), o minguante ou o crescente da lua entrando pelos signos, o signo por onde anda a lua quando se iniciam os dias caniculares são algumas dentre as muitas formas de realizar o prognóstico ou o juízo do ano a partir dos astros e suas emanações. O calendário religioso, por sua vez, destaca o intervalo de doze dias que há entre o dia de Santa Luzia e o dia de Natal, sendo que a cada dia corresponde um mês do ano seguinte, e da forma como se comportar cada dia, comportar-se-á o mês futuro. A observação dos ventos entre o dia de S. João Baptista e o dia de São Pedro também constitui modo de prognosticar. Havendo o predomínio de dado vento neste período, e sendo ele quente e úmido, ou frio e seco, ou quente e seco, ou ainda frio e úmido, assim será o ano vindouro.

Além destas práticas prognósticas que se embasavam sobre as condutas dos astros e as celebrações católicas, os Lunários apresentavam outras operações de objetivo semelhante. Estavam presentes em seção denominada *Tratado de Astronomia Rústica e Pastoril. Importante a lavradores, pastores e navegantes*, um grande inventário de códigos ou sinais que envolvem bichos, plantas, cometas, águas, ventos, temperaturas, eclipses, arco-íris, relâmpagos, acidentes geográficos, manifestações de doenças, cujos comportamentos indiciam tempos que estão por vir.

A faceta prognóstica dos Lunários foi, e ainda é, sem dúvida alguma, aquela que conheceu maior ressonância entre os leitores dos sertões do Ceará. Entendendo que as chuvas e as secas constituem as noções temporais mais caras e fundamentais à organização da vida dos homens desta terra, são elas que se fazem pauta maior das práticas de prognosticar que se baseiam, assim como no Lunário Perpétuo, nas rotas dos astros, nos calendários católicos e, principalmente, na leitura da natureza ao derredor.

No romance *Luzia-Homem*, publicado em 1903, Domingos Olímpio narra a história de uma sertaneja e sua peleja em plena seca de 1877, na cidade de Sobral, norte do Ceará. Construindo uma trama que privilegia elementos da vida do sertão então criticados pelo próprio autor por padecerem de credulidade, ignorância e coisas parecidas, Domingos Olímpio escreve pelo menos duas passagens em que se vislumbra de maneira nítida a realização de prognósticos, inclusive seguindo orientações diretas do Lunário Perpétuo.

Na primeira delas, que se localiza cronologicamente antes da irrupção do grande flagelo, Olímpio assim escreve:

Não havia mais esperança. Os horóscopos populares aceitos pela credence, como infalíveis: a experiência de Santa Luzia, as indicações do Lunário Perpétuo e a tradição conservada pelos velhos mais atilados, eram negativas, e afirmavam uma seca pior que a de 1825, de sinistra impressão na memória dos sertanejos, pois olhos-d'água, mananciais que nunca haviam estancado, já não marejavam. (OLÍMPIO, 2002, p. 32)

A passagem acima se faz preciosa não somente por constituir registro claro da circulação do Lunário Perpétuo em paragens cearenses, mas também por indicar elementos do livro acionados pela leitura na produção do tempo via prognósticos. Além da menção à experiência de Santa Luzia, anteriormente citada, o trecho fala a respeito de “velhos atilados”, cuja associação com os chamados *profetas da chuva* é imediata.

De acordo com Kênia Rios,

O *Lunário Perpétuo* seria uma espécie de bíblia para os chamados ‘profetas da chuva’. Tais indivíduos, em geral, moram no sertão e conhecem com profundidade as ‘astúcias’ da natureza semi-árida e fazem delas um bom material para as previsões que desafiam os outros ‘cientistas’. Nessa leitura do mundo, a água que cai do céu pode ser anunciada em formas encontradas por homens que olham, antes de tudo, para a terra. (RIOS, 2003, p. 80)

Orientados pela leitura do livro perpétuo, os *profetas da chuva* aprendem a olhar para a natureza ao redor. Da mesma forma, e, simultaneamente, que, dia a dia, vislumbram plantas e bichos, e fazem e refazem as leituras do Lunário. Para estes homens, os prognósticos seguem a lógica do *Tratado de Astronomia Rústica*, de que falamos a pouco, na qual “a ordem do tempo é apresentada pelo desenrolar da fauna e da flora” (RIOS, 2003, p. 81). Se a legitimidade e a autoridade destes homens advêm de sua habilidade da leitura, estabelecendo por isso uma relação distinta com o Lunário Perpétuo em sociedades pouco alfabetizadas, isso não significa que as práticas de prognosticar sejam deles apanágio restrito. Em realidade, os prognósticos ganharam o mundo pela tradição oral, sendo compartilhados por homens de todas as estirpes.

Em outra passagem de *Luzia-Homem*, certo personagem de menor importância no enredo se põe a rememorar fatos interessantes passados no sertão pela década de 1860. Entre estes fatos, sobressaem as perambulações da Comissão Científica de Exploração,

Andava por estes sertões uma comissão de doutores, observando o céu com óculos de alcance, muito complicados, tomando medida das cidades e povoações e apanhando amostras de pedras, de barro, ervas e matos, que serviam para mezinhas, borboletas, besouros, e outros bichos.

Os maiores dessa comissão eram homens de saber, Capanema, Gonçalves Dias, Gabaglia, um tal de Freire Alemão, e um doutor médico chamado Lagos e outros. (...) Uma tarde, chegaram, ao pôr-do-sol, à fazenda do velho. Iam no rumo da gruta do Ubajara. Aboletaram-se no copiar, derrubando comboio, que era um estandarte de malas, instrumentos, espingardas, na casa dos passageiros. Depois de jantarem um bom traçalho de carne de vaca gorda que parecia um leitão, assada no espeto, algumas linguças e um chibarro aferventado com pirão escaldado, armaram as redes nos esteios. Veio a noite, clara como dia, sem uma nuvem no céu, liso como espelho. Convidava mesmo a gente a dormir na fresca do alpendre. Ali pelas sete horas, disse a eles o velho: 'Achava melhor vossas senhorias passarem cá para dentro, porque vem aí um pé-d'água de alagar'. (...) O mais sabido deles, o doutor Capanema, disse que o velho estava sonhando com chuva, mania de sertanejos, que não pensam noutra coisa. Teimaram em ficar no alpendre, embora o velho continuasse a assegurar que se arrependeriam. Quando estavam ferrados no sono, ali pelas onze horas, acordaram debaixo d'água e correram com a rede nas costas, em procura de abrigo dentro da casa, todos admirados uns dos outros, como haviam mangado do velho. De manhã antes de deixarem o rancho, foram agradecer a hospedagem, e um deles perguntou ao velho: 'Como é que vossa senhoria percebeu sinais de chuva, que escaparam a nós outros científicos, envergonhados do quinau de mestre que nos deu?' O velho sorriu e respondeu: '*É muito simples. Tenho ali, no cercado, um burro velho que, quando se está formando chuva, rincha de certo modo: é aquela certeza. A chuva vem sem demora.* Foi por isso que avisei à vossa senhoria'. O tal de Gonçalves Dias, pequenino, muito ladino e esperto, começou a bulir com os outros, dizendo a eles: 'Estamos numa terra, onde os burros sabem mais que astrônomos'. Foi gargalhada geral. (OLÍMPIO, 2002, p. 182-183)

As leituras do tempo pelo "enganchamento entre natureza e cultura" (RIOS, 2003, p. 81), como destaca Kênia Rios, transitavam entre os sertanejos letrados e iletrados, e desafiavam os saberes de homens de ciência acostumados a procedimentos muito diversos, pouco atentos a uma escuta da natureza, tão mais preocupados em instrumentalizá-la.

No livro dos tempos, a presença ininterrupta de durações, sejam aquelas estabelecidas periodicamente, sejam aquelas produzidas pelos prognósticos indica distância com uma conformação social embasada em regularidades com as quais os homens podem contar no esboço diário de suas vidas. Muito ao contrário. O texto dos Lunários apresenta um repertório de leituras do mundo e de produção dos tempos incrivelmente múltiplo, manifestado a partir de combinações incessantes e infundáveis, mas não sem critérios – as principais referências encontram-se nas experiências que envolvem a religião católica, a astrologia, as plantas, os bichos, os terrenos etc.



Essas operações de acionar múltiplos elementos para produzir múltiplos tempos põem em causa o lugar dos homens e o sentido de suas ações no mundo. No Lunário da Chardron, há uma longa seção denominada *Preceitos e Maximas do Agricultor*. Reforçando sempre um caráter muito rural como marca da produção e da expectativa de leitura do livro dos tempos, este item apresenta uma série de conselhos que vão desde as lides com terras, plantas e bichos, passando pelo comportamento conjugal, educação dos filhos, tratamento dispensado aos empregados, até as precauções em relação aos mendigos, feiticeiros e outras criaturas de quem convém desconfiar. Dentre as máximas, duas elucidam a questão que ora se enfrenta:

Sê perseverante ; é virtude rara entre nós, que temos mais coragem de acção que de soffrimento. – O lavrador que desmaia com os obstáculos, que se impacienta com as contrariedades, esquece que a sua profissão é a mais aventureira de todas, porque depende de um grande concurso de circunstancias, quase sempre vagas e indefinidas.

[...]

Cultivando a terra, o homem tem a consciencia da sua propria fraqueza ; elle sabe que tem necessidade de clemencia do céu, do calor do sol que amadurece os seus trigos, da fecundidade da chuva que os banha. (CORTEZ, 1927, p. 105)

A constituição dos trabalhos e dos dias atrelada a uma série numerosa de fatores sobre os quais os homens tinham/tem uma ingerência bem limitada os coloca numa posição de ínfima autonomia. No entanto, mesmo diante de um mundo composto por elementos que figuravam como imponderáveis, o homem lunariano não agia com angustiada resignação. Diferente disso, sua fragilidade funcionava como razão ou motivo maior para, realizando uma leitura do mundo e do tempo de forma contínua e ininterrupta, e a cada vez diferente, contornar situações, forjar ocasionais vitórias. Era isso que ensinava o livro perpétuo – não se constranger diante das inconstâncias.

Dito de outro modo, o homem lunariano enfrenta o mundo e suas mudanças forjando durações embasadas na experiência concreta, no contato com a terra, com os bichos, com as plantas e também com os almanaques, impulsionado ininterruptamente pela ‘coragem de ação’. Com efeito, os imponderáveis cotidianos só podem ser enfrentados com atos concretos, com mergulhos sobre o empírico, com testes de erros e acertos e verdades que, válidas para algumas circunstâncias, não constituem bases seguras para outras. O sertanejo lia, produzia e se relacionava com o mundo e com o tempo através das *experiências*, para utilizar o palavreado dos sertões.

É somente tendo em conta estes aspectos que se avança no sentido de compreender a importância profunda de um empreendimento editorial com as características dos Lunários



Perpétuos. Este livro propõe um trabalho da linguagem que auxilia, intermedeia, compõe e mesmo funda esta relação muito imediata com o mundo que investe na aposta, na perseverança e no incansável proceder com as forças que estão além dos homens. E o faz, sobretudo, a partir de uma reflexão sobre o tempo.

O tempo como remédio

Produzindo durações, os homens produzem sentidos para si e para o mundo; realizam, como sugere Kênia Rios, uma conversa com o tempo. Uma conversa que captura o tempo na forma de impresso, apaziguando ainda que momentaneamente os sentidos conferidos ao mundo sem, no entanto, aprisioná-lo num único tempo. Livro que propõe uma conversa entre o homem e o tempo, o Lunário Perpétuo o faz através da produção de prognósticos e outras durações. Como dito, tais durações incidem predominantemente sobre os trabalhos com a terra. No entanto, havia entre as páginas do livro perpétuo outras formas de ordenar o tempo, desta feita tendo por motivos a saúde e a doença.

A editora Chardron traz em seu Lunário três prognósticos das enfermidades – *Juizo astronômico das enfermidades naturaes*, *Outro juizo das enfermidades* e *Juizo das enfermidades pela idade da lua*. Vejamos o que se escreve no livro perpétuo a respeito deste último:

Não se póde negar, dizem alguns escriptores antigos, que as estrellas e corpos celestes causam nos corpos humanos muitos e variados effeitos e a estrella, ou planeta que mais e maiores os causa, é a Lua, assim pela visinhança que conosco tem, como tambem pela variedade de suas mudanças. Diz Nicolau Florentino, medico peritissimo, que para julgar o successo da enfermidade se hão-de saber duas cousas. A primeira, o proprio dia em que começou a enfermidade, ou se sentiu mal disposto; e a segunda, o dia da conjunção perpassada. Sabidas estas duas cousas bem e fielmente, se verão os dias, que houver, desde o dia conjunção até o dia em que começou a enfermidade *inclusivè*. Sabido pois este numero de dias se buscará pela taboada seguinte, e defronte do numero se achará o successo da enfermidade. (CORTEZ, 1927, p. 213)

A conversa com o tempo abre espaço para a conversa com o corpo. Neste caso específico, mediando este diálogo está a Lua. Dos astros, o mais próximo dos homens, localizado justo no primeiro céu, e, por isso, aquele cujas trajetórias – seja passeando pelos signos do zodíaco, seja principalmente nas relações espaciais que mantém com o Sol, donde decorrem as crescentes e minguentes, separadas por cheias e conjunções (ou lua nova) – maiores efeitos causam sobre as existências terrenas. Não à toa, portanto, o livro dos tempos recebe a denominação de Lunário.



Um inventário de interferências tributárias do astro lunar é apresentado pelo livro perpétuo. No tocando aos trabalhos com a terra, o crescente e o minguante da Lua orientam, a cada mês, que árvores enxertar, que grãos semear, que animais deitar, que plantas podar, que madeiras extrair. Os homens que lidam com as águas devem estar atentos ao *Efeito maravilhoso da lua nos fluxos e refluxos do mar* que provocam enchentes e vazantes, “Com o que será conveniente e necessário aos marinheiros saber a que hora do dia começam as marés, para que sem perigo e a seu salvo, possam entrar com seus navios nos portos e pelas barras” (CORTEZ, 1978, p. 75).

As rotas da Lua não somente produzem durações e orientam práticas que tendem a se repetir a cada minguante, a cada crescente, a cada luar... Além de repetições, o astro lunar gera diferenças, desvios. Esboça tempos múltiplos, com figuras e ritmos muito pouco familiares ou mesmo toleráveis a olhos muito modernos. Assim parece ser quando se lê a sequência do *Juizo das enfermidades pela idade da lua*:

PROGNOSTICAÇÃO E SUCESSOS DAS ENFERMIDADES

1. Se algum enfermar no proprio dia da conjuncção da Lua, se ha-de temer até o dia 14, 21 e 28, dias de sua enfermidade, porém depois melhorará de saúde.
2. Mostra haver perigo até os 14 dias; depois melhora.
3. Denota que com pouco trabalho, brevemente melhorará.
4. Haverá grande perigo até os 31, do qual, se escapar, sarará.
5. Mostra trabalhosa enfermidade, porém não de morte.
6. Denota que se logo não estiver bom, terá trabalhosa enfermidade, mas a 5 da Lua do outro mez cobrará saude.
7. Mostra que brevemente melhorará.
8. Se dentro de 12 ou 14 dias não estiver bom, perigará.
9. Terá enfermidade grave, porém não morrerá.
10. Denota perigo de morte antes de quinze dias.
11. Mostra que brevemente sarará, ou que logo morrerá.
12. Denota que se dentro de quinze dias não estiver bom, se irá.
13. Que terá trabalhosa enfermidade até os 18 dias, da qual, se se livrar, sarará.
14. Mostra que estará enfermo até os 15 dias, porém d'alli em diante convalescerá.
15. Se dentro de 15 dias não estiver bom, chegará a perigo de morte, ou, como quer outro auctor, chegará a grandissimo extremo.
16. Padecerá até 28 dias, e se os passar sarará.
17. Denota saúde, se passar de 18 dias.
18. Se logo não sarar, a enfermidade será larga, com perigo de vida.
19. Denota ter brevemente saude, se tiver bom regimento.
20. Denota perigo de morte até o nono ou setimo dia, do qual, se se livrar, sarará.
21. Se dentro de 6 dias não morrer, para a Lua do mez seguinte denota saude.
22. Dentro de 10 ou 12 dias cobrará saude.
23. Ainda que com molestia, no mez seguinte estará bom.
24. Se dentro de 22 dias não estiver bom, na Lua do mez seguinte, terá perigo de morte.
25. Se dentro de 6 dias não morrer, ainda que com trabalho, ficará livre.
26. Grave enfermidade e perigosa.
27. Denota que de uma enfermidade cairá em outra.
28. Haverá perigo de morte antes dos 21 dias.
29. Pouco a pouco irá cobrando saude.

30. Trabalhosa enfermidade; porém com cuidado e diligência cobrará brevemente a saúde. (CORTEZ, 1927, p. 214-215)

Um primeiro ponto que se destaca deste prognóstico das enfermidades são as imagens do tempo, forjadas em figuras muito distantes do círculo e também da linha reta. A experiência temporal da doença, segundo este juízo, conhece contornos a cada situação particulares, esboçando imagens que se alteram e se alternam – a doença trabalhosa, a doença que exige pouco trabalho, o perigo, o grandíssimo extremo, a convalescença, o regimento –, cujos traços, cores e espessuras emergem com ritmos e durações muito próprios, nunca definitivamente fechados.

O segundo aspecto, na esteira do primeiro, reside no fato de que o juízo, da maneira como apresentado no Lunário, não sugere uma tendência minimamente definida do tempo, como seria de se esperar de uma operação prognóstica. Antes, abre o tempo a uma série numerosa de vivências suscetíveis ainda de serem redesenhadas pelas práticas que podem irromper em seu desenrolar. Em outras palavras, para o homem lunariano, a prática do juízo ou do prognóstico não objetiva ter o tempo na mão, desenhando-o de maneira cabal, mas visa participar mesmo de sua produção. Com efeito, tal prognóstico temporal do múltiplo tem razão de ser na articulação fundamental do livro com a leitura. O Lunário abre-se ao leitor, conferindo-lhe margem de autonomia e poder de criação; convida o leitor a participar do tempo, assim como garante sua participação na vida do leitor.

Uma das experiências temporais traçadas pelo *Juizo das enfermidades pela idade da lua* que indicia ressonâncias entre o livro e o leitor ou entre o texto e prática concerne ao *regimento*.

A palavra *regimento* aparece uma única vez no último excerto lunariano que apresentamos, referindo-se a uma condição para a cura breve da enfermidade cujo início dista da última conjunção da Lua 19 dias. Também num outro momento do Lunário a palavra se faz presente, em item denominado *REGIMENTO DE SAUDE muito util e necessário para conservar e alargar os dias da vida, tirado da medicina de Avicena*.

Nesta seção, uma série numerosa de práticas que envolvem desde os cuidados com o espírito pelo exercício do temor a Deus, passando pelos lavatórios do amanhecer no rosto, incluindo bocas e dentes, além de pentear os cabelos, passando ainda pela organização do sono, dos atos venéreos, dos banhos, até os hábitos alimentares, estes últimos a pauta mais delongada do texto, compõe o regimento, que, neste caso, visa alargar a vida.

Para estreitar a doença, o Lunário não organiza um item, restringindo-se a pincelar aqui e acolá alguns elementos que devem compor o regimento para a cura – em geral

realizada por expedientes como a sangria, as ventosas, as purgas e os banhos. O regimento, nestes casos, quase sempre se baseia nas durações astrais, mormente os dias de crescentes, minguentes, cheias e conjunções da Lua, os dias da passagem deste astro por determinados signos zodiacais, os dias caniculares, em que o Sol nasce em relação estreita com constelações marciais, os solstícios e equinócios etc.

Tanto o regimento da saúde, quando o regimento da doença de que fala o Lunário constituem práticas do corpo que entendem o tempo, ou melhor, uma certa duração, como componente da produção da saúde. Reforce-se aqui que duração não se refere apenas à passagem do tempo, não comporta um intervalo vazio a ser preenchido. Diferente disso, constitui espessuras, formações e deformações que se informam por práticas e, no caso específico, por práticas do corpo.

No Ceará, como em outros estados do atual Nordeste, a noção de *resguardo* e ainda a de *dieta* vêm se unir ao universo semântico do regimento. Em livro de memórias, o farmacêutico J. de Figueiredo Filho narra episódio ocorrido em sua farmácia, nos idos dos anos 1920, na localidade sertaneja de Alagoinha. Um homem o procurou em busca de remédio para dolorosa moléstia cutânea que o acometia, encetando o seguinte diálogo:

- Oi, seu Doutô, nunca mais pude drumí sossegado pro mode dessa danada. Desabotoou a camisa mostrando-me o peito nu.
 - Dê um jeitim nisso que pago bem e fico muito agradecido.
- Não sei se exteriorizei minha repugnância. Parecia sua pele um misto de couro de cururu e escama de peixe. Nem sequer tentei apalpar aquela coisa feia e rugosa. Causava-me mal-estar só em vê-la. Contive-me para não quebrar a minha pose de doutor. Com o olhar percorri as prateleiras da bodega improvisada em farmácia. Finalmente deparei-me com velho vidro de carbonato de lítio efervescente. Rótulo já esmaecido pelo tempo. Enchi uma lata de pomada de Helmerick. Entreguei os dois remédios ao doente, portador de tão repugnante dermatose. Aconselhei-lhe resguardo. Nos sertões é indispensável a recomendação de certa dieta se não ninguém acredita no efeito do medicamento. E no caso de fracasso corre este por conta do 'resguardo quebrado'. Pagou-me o preço módico que lhe cobrei. (FIGUEIREDO FILHO, 1948, p. 92-93)

J. de Figueiredo Filho foi farmacêutico cearense que se formou na Faculdade de Farmácia e Odontologia do Ceará no início dos anos 1920. Sempre exerceu a profissão em localidades do interior, migrando de uma para outra até instalar-se definitivamente no Crato, sua cidade natal. Em 1948, escreve *Meu mundo é uma farmácia*, livro de memórias no qual realiza reflexões sobre sua trajetória profissional. Dedicando muitas páginas ao período de sua formação na Faculdade de Farmácia, informando sobre a publicação de artigos científicos de sua pena em revistas especializadas, muitas em outros estados, descrevendo as diversas visitas que realizou ao longo da vida aos mais modernos estabelecimentos de sua área de atuação –

farmácias, drogarias e principalmente laboratórios – nos maiores centros do país, além de nunca dispensar o jargão científico ao tratar de doenças e de remédios, o farmacêutico se constrói como autor mediante sua inserção no campo científico, donde retira sua legitimidade, autoridade e o caráter de veracidade dos fatos que narra.

Essa sua relação com o campo científico que o eleva como autor torna-se fundamental para a apreciação do excerto acima. Desde muitas páginas, J. de Figueiredo Filho se coloca como representante ou ainda porta-voz da ciência dos medicamentos. No trecho em pauta, realiza a crítica ao resguardo ou dieta como condição da eficácia do remédio, sugestionando que tais práticas, distantes do campo científico, associam-se a ignorância ou mesmo a credulidade da parte do sertanejo. Ao mesmo tempo, a realização da crítica só evidencia a força da prática, do resguardo como instituição temporal imprescindível à cura, cuja ausência na prescrição do farmacêutico poderia levar ao descrédito do remédio e, por tabela, do profissional. E isso, num período crucial, em que predominavam acirradas disputas pelo campo dos cuidados com a saúde, em especial, pelo campo dos medicamentos. Nesse sentido, tem-se uma primeira hipótese ou compreensão da prescrição do resguardo, isto é, resguardar ou resgatar as confiabilidades sobre a figura do farmacêutico.

No entanto, entender que a prescrição do resguardo se resume a uma simples concessão à tradição para angariar créditos e, a partir daí, inserir gradativamente novas práticas prescritivas, mais acordadas com o estado atual do campo farmacêutico, culmina por reproduzir uma dicotomia há muito prezada, principalmente pelos homens de ciência, a saber, a distinção entre medicina científica e medicina popular.

Ora, depreende-se da narrativa memorialística que o farmacêutico não estava tão seguro de sua prescrição e, por isso, não hesitou em acionar elementos da tradição compartilhados pelos sertanejos como forma de resolver o problema que se lhe apresentava. Recorrer a um expediente de cura como o resguardo significa dar respaldo a uma prática que ganhou importância e mostrou eficácia pela experiência – aliás, como quase tudo que compõe o universo partilhado pelo livro perpétuo e seus leitores, o que encoraja, digam-se de passagem, o contato muito empírico como forma de adquirir alguma segurança no mundo. Nesse sentido, a prática científica do farmacêutico se abriu a uma aposta sobre algo que não habita oficialmente o campo da ciência dos medicamentos, embora já tenha habitado, mas que diante do imponderável, se mostrou como uma alternativa.

Resta ainda, com relação ao trecho em apreço, deter-se acerca da expressão *resguardo quebrado*, mencionada pelo farmacêutico. O resguardo quebrado expressa a interrupção de um conjunto de práticas ordenadas que agem em prol da recuperação do corpo,

acompanhando ou não o consumo de remédios. A *quebra* indica descontinuidade numa prática que deve ser contínua. Reforça-se, pois, o resguardo como instituição temporal durável, exigindo para isso o trabalho dos homens em sua manutenção, muito embora esta não dependa irresolutamente deles.

Na esteira dos *Preceitos e Maximas do Agricultor* do Lunário da estudadas no item anterior, o resguardo relembra que os homens não são o centro do mundo, comportando atuações limitadas na conformação de suas existências em virtude da presença de tantos fatores que concorrem para que os tempos se desenvolvam de um certo modo e não de outro. Com efeito, é justamente por entender que o não alcance da cura por parte do exercício do resguardo não condiz necessariamente com um erro dos homens, e muito menos com o seu, que J. de Figueiredo Filho encontra mais um motivo para a prescrição da prática que integra o consumo dos remédios.

Muito embora constitua instituição temporal que prevê variadas práticas cuja execução proporciona a recuperação do corpo, muitas vezes pela via dos remédios, o resguardo celebrizou-se no Ceará, nas palavras de Raimundo Girão, como “Período após o parto (puerpério) e durante o qual (30 dias) a mulher se conserva em repouso, abstendo-se de certas práticas e de certos alimentos, considerados reimosos ou carregados” (GIRÃO, 1967, p. 205). O médico Euripedes Chaves Júnior, em seu *Nomes e expressões vulgares da medicina no Ceará*, apresenta um verbete sobre o resguardo da mulher parida: “QUEBRAR O RESGUARDO – Adoecer a mulher nos primeiros 40 dias do puerpério, segundo a crença popular por não ‘guardar o repouso’ necessário ou ingerir alimentos ‘reimosos’. O susto por ser uma das etiologias ou causas” (CHAVES JÚNIOR, 1985, p. 151). Eduardo Campos, em seu *Medicina Popular do Nordeste*, informa sobre o resguardo que “83 – Mulher parida, se comer apenas carne de galinha, não deve mudar de alimentação, sob pena de quebrar o resguardo. 84 – Mulher de resguardo não deve comer carne de peixe” (CAMPOS, 1967, p. 68).

Não somente nas mulheres paridas, a recuperação do corpo passa por uma ordem do tempo realizada pelos hábitos alimentares. Assim parece ser também com os doentes de forma geral, que devem guardar uma alimentação particular durante o tempo em que esperam alcançar a cura. É o que se sugere no romance *Luzia-Homem*, ambientado nos anos 1870, como já mencionado neste trabalho, em que a protagonista não raras vezes se dedica aos cuidados com a mão perenemente enferma. Para tanto, Luzia contava sempre com o auxílio de um amigo para ir “ao mercado comprar a quarta de carne fresca para o caldo da enferma, os remédios e consultar o médico” (OLÍMPIO, 2002, p. 182-183). Consultar o médico,

consumir os remédios e também alimentar-se de forma regrada parecem expressar práticas que integram o mesmo universo da saúde e que propõem práticas que constituem uma ordem do tempo para alcançar a cura.

Além da escolha dos alimentos adequados para a dieta dos que buscam restabelecer o corpo, também parece fazer parte da cura a abstenção de refeições. Os jejuns estão presentes em mais de uma das receitas que compõem a *Memoria de Remedios Universaes para enfermidades ordinárias feita por Carlos Estevão e João Lihaut, medicos da cidade de Paris*, que integra o livro perpétuo da Casa Vega. A título de exemplo, o remédio para febre terçã:

Para o mesmo o remedio mais efficaz, na opinião de alguns medicos, é tomar *em jejum* antes da febre, duas onças de sumo de romãs, e logo untar os pulsos e plantas dos pés com um pouco de enguento populeão, com duas drachmas de têa de aranha, e te-lo assim até que passe o rigor da febre. (CORTEZ, 1978, p. 212).

No resguardo, as incidências sobre a ordem do tempo pelos hábitos alimentares, tanto nas mulheres paridas, quando nos doentes, são nítidas. Muito embora o próprio livro dos tempos tenha esclarecido que “por dieta não só se entende o de comer e do beber ordinário, das horas que cada um para isso tem deputadas, senão também das operações e exercícios corporaes” (CORTEZ, 1927, p. 223), a natureza das demais práticas que compuseram os resguardos ou as dietas em paragens cearenses se coloca como um problema de difícil elucidação.

De todo modo, a prática do resguardo, instituição temporal que proporciona a cura ou o restabelecimento do corpo, parece exigir da parte dos doentes uma tolerância com o mal-estar alargado no tempo. Isso, porque o tempo era fator de cura, remédio que fazia servir os demais remédios.

* * *

Parece ser a partir dos anos 1930 que o resguardo, aqui já criticado pelas memórias de J. de Figueiredo Filho nos idos dos anos 1940, passa a sofrer maiores censuras. Este fato se observa especialmente nas propagandas de remédios da então promissora indústria farmacêutica nacional e internacional. O *Almanaque do Ceará para o ano de 1931* traz a esse respeito o seguinte reclame: “‘LOMBRICOL’ Jaccoud. (...) É um vermifugo vegetal, purgativo de effeito seguro, suave e sem nenhum perigo para as crianças. Não é irritante e *não exige dieta*” (ALMANAQUE DO CEARÁ PARA O ANNO DE 1931, s/p).

Doravante, o tempo necessário passa a ser tempo perdido, o que muda drasticamente as práticas de consumo dos remédios, a sensibilidade ao sofrer e à dor e a velocidade do corpo.

Referências Bibliográficas

CAMPOS, Eduardo. **Medicina Popular do Nordeste**. 3ª. edição. Rio de Janeiro: Edições o Cruzeiro, 1967.

CHAVES JÚNIOR, Euripedes. **Nomes e expressões vulgares da medicina no Ceará**. Fortaleza: Edição Centro Médico Cearense, 1985

CORTEZ, Jerônimo. **Lunario e Prognostico Perpetuo para todos os reinos e provincias por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO reformado e muito acrescentado 1.º Na computação dos tempos 2.º Nas cousas agrícolas 3.º Com as virtudes medicinaes d'algumas plantas portuguezas 4.º Com os soccorros a dar aos envenenados 5.º Com a descrição e tratamento de muitas molestias 6.º Com numerosas receitas uteis e proveitosas 7.º Com o modo de descobrir as aguas 8.º Com varios jogos de cartas divertidos, etc**. Porto: Chardron, Lello & Irmão, 1927.

CORTEZ, Jerônimo. **O Non Plus Ultra do Lunario e Prognostico Perpetuo Geral e Particular para todos os reinos e provincias composto por JERONYMO CORTEZ, VALENCIANO. Emendado conforme o Expurgatorio da Santa Inquisição, e traduzido em portuguez por ANTONIO DA SILVA DE BRITO. E no fim vae accrescentado com uma invenção curiosa de uns apontamentos e regras para que se saibam fazer prognosticos e discursos annuaes sobre a falta ou abundancia do anno, e um memorial de remedios universaes para varias enfermidades**. [fac-símile] Lisboa: Vega, 1978.

FIGUEIREDO FILHO, J. **Meu mundo é uma farmácia**. Instituto Progresso Editorial S.A.: São Paulo, 1948.

GIRÃO, Raimundo. **Vocabulário Popular Cearense**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1967.

OLÍMPIO, Domingos. **Luzia-Homem**. Rio de Janeiro, São Paulo, Fortaleza: ABC editora, 2002.

RIOS, Kênia Sousa. O tempo por escrito: sobre lunários e almanaques. In: CARVALHO, Gilmar de (org.) **Bonito pra chover**. Ensaios sobre a cultura cearense. Fortaleza: Ed. Demócrito Rocha, 2003.